

3 O CORPO NA TEORIA PSICANALÍTICA DE FREUD: DA REPRESENTAÇÃO AO TRANSBORDAMENTO

Falar do corpo em Psicanálise requer a eleição de alguns conceitos fundamentais. Neste capítulo, na tentativa de construir um percurso metapsicológico do corpo, percorrei, paralelamente à evolução desse tema ao longo da teorização freudiana, o desenvolvimento das noções de pulsão, narcisismo e eu tal como estas se apresentam no primeiro e segundo dualismos pulsionais.

O corpo e o eu são inseparáveis. Desenvolvem-se juntos. Um “nasce” apoiado ao outro, assim como a pulsão se apóia no instinto e as funções psíquicas nas biológicas ou somáticas. Não há como ter um eu sem ter havido antes uma noção corporal. Na medida em que o eu se desenvolve o corpo o acompanha. Nos primórdios da constituição do eu, pode-se até dizer que o corpo se “apresenta” primeiro. Esta é a idéia que Didier Anzieu desenvolve em *O Eu-pele* (1988). De acordo com ele, a pele, por sua estrutura e funções, antecipa, no plano do organismo, a complexidade do eu no plano psíquico.¹ A pele é, de acordo com esse autor, “representante” do eu enquanto ele ainda não se formou. E a percepção da pele como uma superfície é adquirida pelo *infans* por meio das experiências de contato de seu corpo com o corpo da mãe. Será que estas afirmativas vão de encontro à intuição freudiana de 1923, segundo a qual o eu é, antes de tudo, um eu - corporal? Não seria, então, o eu corporal desde o início?

Anzieu defende que o Eu-pele é muito mais uma idéia do que um conceito propriamente dito. Ele é um precursor do corpo e do eu. É como se fosse uma “entidade preparatória” para a constituição corporal e do eu, isto é, o Eu-pele é a

¹ ANZIEU. *O Eu-pele*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 126.

condição necessária para o desenvolvimento tanto da noção de um corpo unificado como de um eu. A instauração do Eu-pele responde, pois, à necessidade de instauração de um envelope narcísico, assegurando ao aparelho psíquico a certeza e a constância de um bem-estar de base. O Eu-pele é uma representação de que se serve o eu da criança, em fases precoces de seu desenvolvimento, para se representar a si mesma como um eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência com a superfície do corpo. E o Eu-pele encontra seu apoio nas diversas funções da pele. Destaquem-se aqui três funções: 1- a pele como sendo uma bolsa que contém e retém em seu interior o bom e o pleno armazenados com os cuidados maternos; 2- a pele como uma interface que marca o limite com o fora e o mantém no exterior, funcionando como uma barreira que protege da penetração pelas agressões vindas dos outros; 3- a pele, ao mesmo tempo em que a boca, é um lugar e um meio primário de comunicação com os outros.²

Assim, esta interface, o Eu-pele, tem as funções que farão parte das prerrogativas do corpo e do eu: O Eu-pele é o que separa o de dentro e o de fora, função análoga à das barreiras de contato que Freud postulou em o *Projeto para uma psicologia científica* e que, de alguma forma, antecipa o eu entendido como um invólucro pulsional. Ele é, também, uma superfície sensível, ou seja, um lugar de inscrição das qualidades sensíveis e táteis e de registro de traços. Funções estas que caberão, por ocasião da constituição do corpo erógeno, ao eu.³

² Cf. ANZIEU. *O Eu-pele*, p. 61-62.

³ Cf. ANZIEU, op. cit. p. 267-268.

3.1 O corpo histérico

Paralelamente, contudo, a este raciocínio que faz evoluir lado a lado na teoria o corpo e o eu, encontra-se um outro elemento. Desde os escritos pré-psicanalíticos, já é possível ver Freud subvertendo o corpo biológico. A concepção freudiana do corpo inaugura uma modalidade corporal diferente daquela que vigorava em sua época. Freud postula, desde o início de seu trabalho, um corpo erotizado, erogenizado, que é também auto-erótico e pulsional. E Freud faz isto por meio de seus estudos sobre a histeria. É nos sintomas histéricos que se pode observar o surgimento de uma nova forma de se olhar para o corpo, diferente da vigente até então.

Em “Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas” (1893), Freud afirma que “a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta”.⁴ De acordo com ele, um bom número de características das paralisias histéricas justifica tal assertiva. A histeria toma os órgãos pelo sentido comum, popular que eles têm. A perna é a perna até sua inserção no quadril e o braço é o membro superior tal como é visto sob a roupa. Não há motivos, portanto, para acrescentar à paralisia do braço uma paralisia da face, como seria o caso em uma afecção orgânica. A razão disto, segundo Freud, é que, na paralisia histérica, o que está em questão é uma idéia corrente, popular, dos órgãos e do corpo em geral. E tal concepção não se fundamenta num conhecimento de neuroanatomia, mas em nossas percepções táteis e, principalmente, visuais.⁵

Nos textos contemporâneos a este último, isto é, da época que compreende as *Publicações pré-psicanalíticas* (1886-99) até os *Estudos sobre a histeria*

⁴ FREUD. “Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas”, p. 212.

⁵ FREUD, op. cit. p. 213.

(1893-95), tempo da diferenciação entre as neuroses atuais e as psiconeuroses, vê-se Freud inaugurar, definitivamente, um corpo psicanalítico. No “Manuscrito E” (1894), por exemplo, quando faz a distinção entre conversão e somatização, afirmando que na conversão a descarga de excitação se dá por uma via inadequada, no caso uma inervação somática, enquanto na somatização, ao contrário, tem-se um acúmulo de tensão que não consegue se descarregar psiquicamente e que por este motivo fica retido no domínio físico, Freud já fornece indícios de que o corpo com o qual a Psicanálise trabalha é um corpo outro que não o simplesmente anatômico. Será, pois, a função do corpo, tanto nas neuroses atuais como nas psiconeuroses, o elemento que diferenciará as duas afecções, uma vez que o corpo que se apresenta na histeria é um corpo fantasmático que não se confunde com o anatômico, no qual a anatomia é bem definida, mais objetiva e nomeável: Asma, úlcera gástrica, etc.

A histeria é, assim, o que melhor caracteriza o corpo nos primórdios da Psicanálise, isto é, são os fenômenos histéricos de conversão que atestam o caráter erógeno e representacional que distingue o corpo nesse momento do percurso freudiano. Como afirma Freud, em “Neuropsicoses de defesa” (1894), “na histeria, a representação incompatível é tornada inócua pela transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática. Para isso eu gostaria de propor o nome de conversão”.⁶

Este aspecto da conversão histórica também é ressaltado por Paul-Laurent Assoun.⁷ De acordo com esse autor, a conversão nada mais é do que a mutação em corporal da soma de excitação que é liberada do recalçamento e tem o efeito de neutralizá-lo, ou seja, o “dano” corporal expressa uma economia do “dano” da representação incompatível. A capacidade de conversão é, pois, o que Freud destaca

⁶ FREUD. “Neuropsicoses de defesa”, p. 56.

⁷ ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico. In: _____. ASSOUN. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

como sendo o fator característico da histeria. O efeito corporal traduz, desta forma, o destacamento de uma energia que tem origem na tensão representativa. Não é o corpo que fala, salienta Assoun, mas são as representações recalçadas que se apresentam por meio dele.⁸

A meu ver, essas observações sobre a histeria autorizam que se fale do corpo como sendo um lugar de simbolização, ou representação, já que o sintoma histórico se anuncia muitas vezes pelo corpo.

Pretendo delinear, ao longo deste capítulo, duas formas de apreensão do corpo presentes na teoria freudiana: Um *corpo da representação*, ou simbolização, que é regido pelas pulsões de vida e tem seu paradigma na histeria, e um *corpo do transbordamento*, quando o sintoma corporal, ou somatização, representa uma descarga, uma outra maneira de se fazer apresentar o que não teve representação, ou seja, de lidar com o excesso pulsional. Este é o campo regido pelas pulsões de morte.

3.2 O corpo erógeno

Que corpo aparece no *Projeto para uma psicologia científica* (1895)? No modelo de aparência neurológica criado por Freud neste texto, trata-se de reconstruir tanto o psiquismo humano e seu funcionamento normal como também é tempo de se postular noções importantes que serão desenvolvidas depois, como a teoria das neuroses.

A idéia de um aparelho psíquico faz sentido quando se tem em mente a situação de desamparo em que se encontra o bebê humano por ocasião do nascimento. Nesse momento, quando o bebê se encontra sem defesas frente ao excedente pulsional

⁸ ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 178-179.

que o contato com o mundo externo lhe impõe, é necessário algo que o proteja deste excesso, algo que diferencie as coisas do mundo para ele. A ordenação desse caos pulsional se dá pela distinção que o bebê aprende a fazer, a partir das trocas de experiência que tem com o mundo à sua volta, de certos pares de oposição como, por exemplo, as distinções entre dentro e fora e entre prazer e desprazer. Diferenciando o mundo ao seu redor, o bebê cria aparatos para se defender do caos pulsional, começando por afastar o que é desprazeroso e a reter para si o que lhe dá prazer. Este é, por assim dizer, um esboço do que se constituirá como um aparelho psíquico, isto é, um modelo de organização estruturado com o objetivo de evitar o desprazer. Mas de que forma se dá esta estruturação psíquica?

No modelo apresentado por Freud, em 1895, duas hipóteses de base são oferecidas : 1- a hipótese do neurônio (N), fundamento do ponto de vista tópico ou estrutural; e 2- a hipótese da quantidade (Q e QN), fundamento do ponto de vista econômico. Deve-se acentuar que, apesar das referências de Freud às correntes de pensamento materialista e racionalista, o que dá vida ao *Projeto* é a experiência clínica e os fatos estranhos que ela faz aparecer. O próprio Freud ressalta esta ancoragem clínica. Não se trata de pura especulação. O elo com a clínica é por ele comentado no início das partes I e II do texto em questão. A essas duas idéias básicas do *Projeto*, isto é, neurônio e quantidade, correspondem, ponto por ponto, as duas noções de representação e de afeto que, por sua vez, são elementos observados na clínica e que permitem uma melhor orientação na experiência das neuroses.

O modelo de aparelho psíquico que Freud concebe, nesse momento, busca solucionar a maneira pela qual este aparelho lida com a excitação interna e externa, por meio da articulação dos termos neurônio e quantidade. Esta articulação leva

Freud a enunciar o princípio da inércia neurônica, que rege a circulação da quantidade ao longo dos neurônios, e que postula que os mesmos tendem a liberar-se da energia, tendem à descarga da excitação ao nível zero, ao repouso.⁹ Clinicamente, pode-se dizer que o afeto tende a evacuar-se completamente, a abandonar as representações cuja cadeia ele percorre. Este é o funcionamento do processo primário. Só que o aparelho não pode descarregar totalmente a excitação, já que precisa de uma reserva de energia para a realização da ação específica, ou seja, aquilo que colocará fim à tensão gerada pela necessidade — no caso pelos estímulos endógenos. Assim, diz-se que é preciso introduzir algo para barrar a satisfação imediata: O processo secundário, que é desencadeado pelas exigências das necessidades, acarretando uma circulação da excitação num certo nível de ligação e impedindo um escoamento completamente livre da energia do sistema. Por sua vez, o que possibilita a retenção da excitação são as barreiras de contato dos neurônios, que oferecem resistência à passagem de excitação.

A teoria das barreiras de contato requer, pois, dois tipos de neurônios: os permeáveis, que deixam passar a excitação sem nada reter, e os impermeáveis, que se tornam resistentes à passagem da excitação, modificando-se e criando facilitações.¹⁰ No tocante às propriedades das barreiras de contato, elas são numerosas e essenciais para o funcionamento do aparelho psíquico.¹¹

Assim, de acordo com as características dos neurônios e a circulação da excitação, o aparelho psíquico é concebido por Freud, em 1895, como sendo composto por três sistemas de neurônios: *phi*, *psi* e *ômega*. O centro do aparelho é constituído pelo sistema *psi*, onde se registram, em forma de constelações de facilitações, os traços

⁹ Cf. capítulo anterior, p. 36 e FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 19. Freud retoma essas considerações em 1920 quando está formulando o segundo dualismo pulsional. Nesta época, o “princípio de inércia neurônica” será denominado “princípio de constância”.

¹⁰ Cf. referência à facilitação no capítulo anterior, p. 19-20.

¹¹ Cf. ANZIEU. *O Eu-pele*, p. 103-110.

mnésicos. De um lado, o sistema acha-se ligado à percepção externa por intermédio das vias *phi* e, por outro lado, à consciência, designada como sistema *ômega*. Enfim, o sistema *psi* encontra-se conectado, num terceiro lado, às excitações provindas do interior do corpo. É por aí que chega a energia pulsional que o aparelho tem por função descarregar.

O princípio de funcionamento do aparelho psíquico é a descarga da excitação, para que seja reduzida a tensão em seu interior. Um aumento de tensão é sentido como desprazer em *ômega*, enquanto a descarga repercute como prazer. Freud postula dois tipos de vivências fundamentais para o funcionamento de *phi*, *psi* e *ômega*: a vivência de satisfação e a da dor.

A experiência de satisfação diz respeito à eliminação da tensão proveniente de uma fonte endógena e requer a realização de uma ação específica que coloque fim à tensão. É a ação específica, realizada pelo outro que cuida do bebê, que permite a ele, por meio de dispositivos reflexos, organizar o caos pulsional no qual está imerso, possibilitando uma diferenciação entre si, o outro e o mundo externo. Desta forma, eliminam-se os estímulos endógenos que dão origem à vivência de satisfação, ao mesmo tempo em que se esboça um rudimento de organização do eu, pela via das sensações corporais. Esta vivência implica, portanto, três fatores: 1- uma descarga eficaz da excitação; 2- a percepção do objeto que pôs fim à tensão e 3- o estabelecimento de uma facilitação entre os neurônios do *pallium* e do núcleo (as imagens mnêmicas do objeto). A isto se segue uma atração de desejo primária, ou seja, toda vez que ocorrer a mesma necessidade o aparelho buscará a satisfação pela mesma via.¹²

¹² Cf. a descrição da experiência de satisfação no capítulo anterior, p. 20-21.

Por sua vez, a experiência da dor se refere a uma quantidade excessiva de excitação, vinda do exterior, que não é barrada pelos dispositivos neuronais terminais e invade os neurônios *psi*, provocando um aumento repentino da tensão. Tal vivência tem, também, três implicações: 1- um aumento brusco de QN; 2- uma tendência à descarga e 3- uma condição de facilitação entre a tendência à descarga e a imagem mnêmica do objeto hostil. Segue-se, então, a defesa primária para que o objeto doloroso não seja reinvestido na ausência dele.

Desta forma, os estados de desejo, vistos como resíduos da vivência de satisfação, e os afetos, entendidos como restos da experiência da dor, são os responsáveis pelo aumento da tensão no sistema *psi*. Para evitar a não realização da vivência de satisfação e para evitar a experiência da dor, a defesa entra em ação. Só que, para tanto, torna-se necessário a introdução do eu no modelo, como sendo o agente que inibe a livre circulação da excitação e promove o reconhecimento adequado dos signos de realidade.

O eu que Freud descreve no *Projeto* é um circuito energético e não tem nada a ver com a consciência. Ele é uma organização, no interior de *psi*, que faz a energia circular em pequenas porções e por determinadas facilitações, os investimentos co-laterais, possibilitando o pensamento.

O que importa destacar, a partir deste pequeno resumo, é a consequência crucial que as experiências de satisfação e da dor têm para o desenvolvimento do sujeito. Obviamente, não se pode falar ainda em sujeito, nem em um eu como uma instância psíquica plenamente desenvolvida. O que estas duas vivências primárias possibilitam é o aparecimento de um esboço de organização psíquica, esboço que é

primária e originalmente corporal.¹³ O que existe nesse momento é apenas uma superfície corporal capaz de registrar sensações que só serão re-significadas depois. Portanto, a concepção de corpo que pode ser inferida a partir dessa leitura do *Projeto* é a de um corpo visto como um lugar de onde partem percepções internas e externas, um local de passagem do objeto e do Outro e, ao mesmo tempo, fonte e palco da satisfação da pulsão. Um corpo, em síntese, erógeno.

Esta perspectiva pode ser mais bem fundamentada quando se leva em conta a questão da ação específica. Considere-se, em primeiro lugar, como esse tema aparece no *Projeto* para, em um outro momento, analisarem-se as conseqüências da introdução do conceito de narcisismo. A ação específica é, como já afirmei, aquilo que põe fim à tensão gerada pela necessidade, e o protótipo de seu funcionamento é fornecido pela experiência primária de satisfação. Esta vivência introduz um elemento importante que diz respeito às condições de sua realização – o Outro. Isto pode ser dito a partir do que Freud nomeia como a via de alteração interna: Grito, choro e outras expressões de descarga. Frente a uma estimulação endógena e ao investimento do neurônio nuclear, esse tipo de descarga ao alcance do organismo é ineficaz, não levando à ação específica. Contudo, esta alteração interna não é inócua, já que, embora não cesse o estímulo endógeno, ela é capaz de mobilizar alguém que, por sua vez, entra em contato com a criança e converte o grito em demanda. A essa via de descarga, Freud atribui a função secundária da comunicação. Pode-se, então, afirmar que ele faz a ação específica girar em torno do Outro, subordinando a necessidade à demanda. E, como Assoun observa:

Se a histérica se seduz por seu próprio órgão, é que esse corpo foi seduzido: é na experiência originária da sedução que se produz a entrada na neurose. Dizer que o sintoma toma corpo é dizer, pois, que o sujeito volta a se endereçar a

¹³ Essas idéias convergem para o que Anzieu teorizará sobre a idéia do Eu-pele. Cf. ANZIEU. *Eu-pele*, p. 57-67.

mensagem que lhe veio do Outro. O corpo, portanto, é a engrenagem viva dessa ligação pela qual a mensagem do Outro é literalmente *incorporada*.¹⁴

Assim, o sintoma histérico captura o corpo pela via daquilo que Freud denomina *próton pseudos* (primeira mentira), uma vez que o sujeito mente para si mesmo, engana-se quanto ao desejo do Outro (o pronome aqui é decisivo, comenta Assoun), construindo seu sintoma. O corpo neurótico forma-se, então, ainda segundo o autor francês, no ponto de encontro do próprio com o Outro. A histérica coloca seu corpo à frente para (se) fazer crer inocente no processo de sedução, contudo, ao mesmo tempo, ela exhibe, sobre o próprio corpo, a marca inesquecível do desejo do Outro. Nesta perspectiva, é essencial que o corpo traia o que está destinado a ocultar pelo sintoma: a relação do sujeito com o Outro que ele (corpo) intermedeia e comenta de modo tão eloqüente.¹⁵

Ressalto aqui, juntamente com Maria Helena Fernandes,¹⁶ que o movimento de transposição produzido por Freud, no tocante à concepção do corpo, ganha toda a sua medida. O corpo psicanalítico é, pois constituído pela alteridade.¹⁷

O corpo que nos interessa, então, é o corpo forjado por Freud como sendo um lugar de inscrição do psíquico e do somático, como bem descreve Fernandes.¹⁸ Baseado nesta premissa é possível traçar o desenvolvimento que o corpo alcança no decorrer dos principais momentos da construção teórica freudiana. É interessante ressaltar, ainda, que a apropriação do corpo pela teoria psicanalítica coincide, em vários momentos, com a própria trajetória do desenvolvimento do aparelho psíquico, assim como com o aparecimento do eu, visto como uma entidade organizada.

¹⁴ ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 180.

¹⁵ ASSOUN, op. cit. p. 181.

¹⁶ FERNANDES. *Corpo*. São Paulo: Livraria e editora Casa do Psicólogo, 2003. (Coleção Clínica Psicanalítica).

¹⁷ Cf. FERNANDES, op. cit. p. 91-92.

¹⁸ *Ibidem*. p. 33-54.

O estado de desamparo original do bebê coloca-o, desde o início, em um estado de dependência absoluta do outro materno, que é quem garante a satisfação de suas necessidades e sem o qual ele seria incapaz de fazer cessar a tensão interna que sente. Desta forma, é a mãe, ou seu substituto, quem fornece ao bebê meios de ler os estímulos do mundo que lhe chegam por meio de sensações corporais, sons, odores e imagens. Tais sensações constituem um “corpo de sensações”.¹⁹ Quando o bebê chora, a mãe responde ao seu apelo, ou demanda, apaziguando as sensações corporais desagradáveis. Só que para a mãe escutar o corpo do bebê e interpretar os sinais deste, ela precisa ter capacidade de investir libidinalmente esse corpo. De acordo com Fernandes, um investimento desta magnitude supõe que a mãe dê conta de experimentar prazer ao ter contato com o corpo da criança e ao nomear para ela (criança) as partes, funções e sensações desse corpo. Esse cuidado supõe que a mãe consiga transformar o “corpo de sensações” em um “corpo falado”,²⁰ ou simplesmente, erógeno.

No que se refere a esse propósito, Piera Aulagnier²¹ ressalta alguns elementos preciosos. Primeiramente, ela enfatiza a relação da mãe com seu próprio corpo como sendo um “lugar de prazer” para, em seguida, chamar a atenção para o prazer que a mãe pode sentir no contato com o corpo do bebê, ou seja, o prazer de permitir ao bebê saber da existência desse corpo. Segundo Aulagnier, esses dois níveis de prazer seriam as condições iniciais que, mais tarde, possibilitariam à criança conceber o próprio corpo como sendo um espaço unificado:

O prazer materno, ao nomear o corpo da criança e ao fazê-la tomar conhecimento dele, é uma condição necessária para que a criança conceba seu corpo como um espaço unificado, e para que, numa outra etapa, os prazeres

¹⁹ FERNANDES. *Corpo*, p. 89.

²⁰ FERNANDES, op. cit. p. 89.

²¹ AULAGNIER. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

parciais possam se colocar a serviço desta meta “unificada” que designamos como gozo.²²

A autora salienta, ainda, a pertinência da palavra materna no reconhecimento do prazer experimentado pela criança no seu próprio corpo, uma vez que tais prazeres parciais são os responsáveis pelo acesso ao gozo sexual, se esse corpo se tornar um corpo unificado. Aulagnier enfatiza que o prazer que a mãe experimenta na relação com o pai também garante à criança, além desses prazeres da sexualidade infantil, o acesso à sua própria satisfação objetal. São esses vários elementos, num período anterior à aquisição da noção de um corpo unificado pela criança, momento, portanto, quando ela ainda vive uma experiência de dispersão, ou fragmentação corporal, os responsáveis pela constituição do auto-erotismo e que indicariam, em seguida, o caminho em direção ao narcisismo, constituindo assim um corpo unificado e direcionado ao amor objetal.²³

Portanto, a função materna não se restringe unicamente a assegurar a conservação da vida, mas, simultaneamente, permite o acesso ao prazer por meio da promoção da sexualidade.²⁴

3.3 O corpo auto-erótico

Aqui vale lembrar Freud, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), e salientar que a sexualidade se apóia na necessidade, mas é, em relação a ela, sempre desviante: “A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com

²² AULAGNIER *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*, p. 230-231.

²³ Cf. AULAGNIER, op. cit. p. 228-231.

²⁴ Cf. FERNANDES. *Corpo*, p. 90.

a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente nas funções que servem à preservação da vida, e só depois tornam-se independente destas”.²⁵ Não há nada na vida sexual dos seres humanos que seja natural, que seja regido pelas leis da natureza. Esta é a máxima depreendida deste texto freudiano. É a concepção de sexualidade que de lá é retirada, isto é, uma sexualidade infantil, perversa e polimorfa que autoriza se falar em um corpo auto-erótico e, acima de tudo, erógeno. As fases do desenvolvimento da libido e suas respectivas zonas erógenas — “lugares” do corpo, principalmente os orifícios e as mucosas, onde o prazer parcial é satisfeito com maior facilidade — atestam a emergência de uma sexualidade e de um corpo subvertidos e, por que não, excessivos em relação à reprodução biológica, muito mais do que uma organização progressiva do ser humano em direção à reprodução. Isto pode ser afirmado na medida em que a excitação sexual, como diz Freud, é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo.²⁶

Para comentar essa função do corpo de ser fonte da excitação sexual é necessário introduzir os conceitos de pulsão e de zona erógena, tal como estes se apresentam nos “Três ensaios”. Por pulsão deve-se entender, a princípio, de acordo com Freud,

Apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática que flui continuamente, para diferenciá-lo do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico.²⁷

A pulsão, em sua natureza, não possui qualidades, devendo ser considerada apenas como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que diferencia as

²⁵ FREUD. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, p. 171.

²⁶ FREUD, op. cit. p. 205.

²⁷ FREUD. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, p. 159.

pulsões entre si e as atribui qualidades específicas, ou propriedades, são as relações com suas fontes somáticas e seus objetivos. A fonte da pulsão é, pois, um processo de excitação em um órgão e seu objetivo imediato é a supressão desse estímulo orgânico. Ainda segundo Freud, os órgãos do corpo fornecem dois tipos de excitação. E, ao órgão de uma dessas classes excitatórias, designada como sendo especificamente sexual, ele se refere como sendo a “zona erógena” da pulsão. Tais zonas comportam-se como parte do aparelho sexual e seu sentido pode ser evidenciado com mais clareza na histeria, quando esses lugares do corpo e os tratos de mucosa que partem deles se transformam na sede de novas sensações, do mesmo modo como os próprios órgãos genitais nos processos sexuais normais.²⁸ A propriedade erógena pode se ligar de maneira privilegiada a certas partes do corpo, contudo, acrescenta Freud, pode-se atribuir a qualidade de erotogenia a todas as partes de corpo e a todos os órgãos internos.²⁹

Dito isto sobre a relação entre a pulsão e a zona erógena, pode-se indagar como o conceito de pulsão afeta o estatuto do corpo na Psicanálise, no âmbito do primeiro dualismo pulsional. De acordo com Assoun, o corpo se apresenta, em relação à pulsão, nesse momento da teorização freudiana, com a função de designar, não um originário, mas algo que se encontra defasado em relação à origem, mas que, no entanto, serve para situá-la.³⁰

Esta afirmativa de Assoun só é possível se consideramos a definição de pulsão que Freud apresenta em 1905 e que é retomada em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915). Em continuação à caracterização da pulsão feita nos “Três ensaios”, Freud, dez anos depois, descreve-a em relação à pressão, finalidade, objeto e fonte. Por pressão de uma pulsão entende-se o fator motor, a quantidade de força ou a

²⁸ FREUD, op. cit. 159-160.

²⁹ Ibidem. p. 173.

³⁰ ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 181.

medida de trabalho que ela representa. A finalidade de uma pulsão é sempre a satisfação, atingida eliminando-se o estado de estimulação. Já o objeto de uma pulsão é aquilo em relação a ou por meio do qual a pulsão atinge sua finalidade, e é o que há de mais variável numa pulsão. Enfim, por fonte de uma pulsão compreende-se

O processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão. Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, forças mecânicas. O estudo das fontes das pulsões está fora do âmbito da psicologia. Embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem numa fonte somática, na vida mental nós só as conhecemos apenas por suas finalidades.³¹

De fato, a pulsão tem sua fonte num lugar do corpo, mas é realmente como psíquica que se dá a ver a moção correspondente, que, por sua vez, tende à diminuição do mal-estar por meio de um objeto, comenta Assoun. A pulsão converte a excitação corporal em moção psíquica. Ela exterioriza, no psiquismo, aquilo que lhe é exigido pela coerência com o corporal.

Continuando a comentar a relação entre a pulsão e o corpo, Assoun ressalta o fato de que se pode situar a excitação antes da pulsão e o próprio corpo como sendo essa fonte cega de excitações que pertence, de algum modo, à pré-história da pulsão. Cabe falar, num certo sentido, de um aquém do objeto metapsicológico. No entanto, o essencial é que o componente corporal está integrado ao processo pulsional. O corpo não é causa de nada, nem da pulsão nem do prazer de órgão, contudo, sem a corporeidade nada seria possível.³²

É pertinente utilizar aqui, com o objetivo de definir a relação, ao mesmo tempo, necessária e contingente, entre o corpo e a pulsão, o termo “apoio”, utilizado por Freud na caracterização da primeira teoria das pulsões: pulsões do eu em oposição às

³¹ FREUD. “Os instintos e suas vicissitudes”, p. 128-129.

³² ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 181.

pulsões sexuais.³³ Para tanto, recorde-se algumas afirmações suas em “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão” (1910), texto no qual ele expressa, com bastante firmeza, a convicção de que os fenômenos psíquicos se baseiam nos físicos, e é também o local da primeira aparição da noção de “pulsões do eu”. Diz Freud:

Tanto os instintos sexuais como os instintos do ego, têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição. [...] A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor. [...] Quanto mais estreita a relação em que um órgão [...] contrai com um dos principais instintos, tanto mais ele se retrai do outro.³⁴

Freud salienta, ainda, que pode ocorrer que essa relação de um órgão com uma dupla exigência agindo sobre ele, isto é, sua relação com o eu consciente e com a sexualidade recalçada, pode ser encontrada de maneira mais evidente nos órgãos motores como, por exemplo, no caso da mão que queria cometer um ato de ataque sexual e se vê paralisada historicamente.³⁵

De acordo com Assoun, Freud anuncia, por meio dessas observações, a idéia de uma relação metafórica entre dois corpos. E, como o próprio Freud lembra, não é fácil servir a dois senhores ao mesmo tempo. É preciso notar, então, partindo desta ressalva freudiana, prossegue Assoun, que o corpo está associado a cada um desses dois senhores. Na perspectiva desse autor, aqui está colocada a questão do estatuto paradoxal do corpo na Psicanálise. Afirmar que existem dois corpos é renegar o papel causador do corpo que se presta como suporte. No entanto, isso não significa reduzir sua importância, mas sim situá-la em seu devido lugar: o de um mais além ou um mais

³³ Cf. referências sobre o termo apoio em LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*, p. 30-33. Em ROUDINESCO; PLON. *Dicionário de psicanálise*, p. 31-32. E HANNS. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, p. 214-220.

³⁴ FREUD. “A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão”, p. 225.

³⁵ FREUD, op. cit. p. 226.

aquém da pulsão que ele (corpo) inscreve numa defasagem estrutural. Assim, seja como fonte-pretexto (corpo de apoio), seja como mosaico de zonas erógenas (corpo-fontes), o corpo não tem como fazer mais do que destacar a realidade da pulsão em sua ausência de fundação. Se é parte da essência da pulsão reencontrar o impossível de satisfazer do objeto, ela é tentada a se fazer apresentar por sua fonte. Contudo, só o que ela encontra é o rumor do corpo, depósito de excitações que não revelam nenhum segredo do prazer.³⁶

Para exemplificar a relação metafórica dos dois corpos, aos quais se refere Assoun, pode-se citar o fenômeno de modificação corporal (do corpo físico) pelo qual se dá a entrada na doença, como se o corpo do sintoma fosse, por ele, despertado. Um corpo pode, de acordo com Assoun, esconder outro, mas da mesma forma um pode ser despertado no outro por meio de um simples piscar de olhos. Da lesão orgânica à “inflamação” do corpo desejante, há somente o espaço de um deslizamento temporal por meio do qual a ligação pode ser recordada.³⁷ Afinal, como afirma Freud:

Não é absolutamente raro acontecer, no caso de uma pessoa que está predisposta a uma neurose sem realmente sofrer de uma neurose manifesta, que uma modificação somática patológica (talvez por inflamação ou lesão) põe em marcha a atividade da formação do sintoma: assim, essa atividade prontamente transforma o sintoma, que lhe foi apresentado pela realidade, em representante de todas as fantasias inconscientes que estavam apenas aguardando a ocasião de lançar mão de algum meio de expressão.³⁸

Retomarei alguns pontos sobre a relação entre o corpo e a pulsão no final deste capítulo.

3.4 O corpo narcísico

³⁶ Cf. ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 182-184.

³⁷ ASSOUN, op. cit. p. 184.

³⁸ FREUD. “Conferência XXIV: o estado neurótico comum”, p. 391.

Chegou o momento de indagar em que a introdução do conceito de narcisismo interessa à problemática do corpo na Psicanálise. A esta altura, já é possível dizer que esta é uma questão central nesta investigação, na medida em que é o conceito de narcisismo que sustenta a idéia de que o sujeito pode tomar seu próprio corpo como um objeto de amor. Este é o caso, por exemplo, de Narciso que se apaixona pela imagem de seu corpo ao ver-se refletir na água. Na verdade, ele toma sua imagem pela imagem de um outro e isto só é possível graças ao registro do narcisismo, que propõe a idéia de um corpo unificado. Assim, pode-se colocar o próprio corpo no lugar do si mesmo, ou seja, a imagem narcísica, erigida como a imagem de um corpo unificado, possibilita ao sujeito representar-se a si mesmo.

É neste sentido que Jacques Lacan, em “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1936), ressalta a importância desse momento na constituição subjetiva, quando o corpo tem um papel crucial. E o que é o estádio do espelho? Lacan indica que ele deve ser compreendido como uma identificação, isto é, como algo que transforma o sujeito quando ele assume uma imagem. Esse ato, olhar-se no espelho e lá reconhecer sua imagem, instaura na criança uma série de gestos pelos quais ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, ou seja, com seu próprio corpo e com as pessoas à sua volta.³⁹ Pode-se dizer que a criança é, literalmente, capturada por essa imagem:

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação [...] parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial.⁴⁰

³⁹ LACAN. “O estádio do espelho como formador da função do eu”, p. 96-97.

⁴⁰ LACAN, op. cit. p. 97.

É, então, no momento em que a criança se vê refletida no espelho e reconhece como sua a imagem de um corpo unificado que se dá o surgimento de uma organização conhecida como eu. O eu surge, portanto, sustentado pela imagem do corpo unificado. Contudo, Lacan salienta que o ponto importante é que essa forma (a identificação especular) situa a instância do eu numa linha de ficção, isto é,

A forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt*, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele (criança) experimenta animá-la.⁴¹

Assim, continua Lacan, essa *Gestalt* simboliza, ao mesmo tempo, a permanência mental do eu e sua destinação alienante.

A função do estádio do espelho na formação do eu pode ser descrita, por conseguinte, como sendo o que estabelece uma relação do organismo com sua realidade e que fabrica, para esse sujeito capturado pelo engodo da identificação imaginária, as fantasias que evoluem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade ortopédica. Portanto, o eu é caracterizado, desde seus primórdios, por um total desconhecimento.⁴²

Retornando a Freud, em “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), ressalte-se sua afirmação de que uma unidade comparável ao eu não deve existir no indivíduo desde o começo. O eu tem de ser desenvolvido. E, para tanto, é necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo tenha lugar.⁴³ No tocante à nova ação psíquica, já a abordei no início deste capítulo quando descrevi a ação específica e o papel do outro / mãe na constituição

⁴¹ Ibidem. p. 98.

⁴² Cf. LACAN. “O estádio do espelho como formador da função do eu”, p. 100-103.

⁴³ FREUD. “Sobre o narcisismo: uma introdução”, p. 84.

corporal e subjetiva do bebê humano. Faço equivaler, desta forma, a “nova ação psíquica” e a ação específica levando em conta que a primeira, sobre a qual Freud não dá maiores detalhes, nada mais é do que a função que o outro / mãe exerce de erogenização / narcisização da criança, tal como esta foi anteriormente descrita.⁴⁴

Contudo, cabe enfatizar, ainda, que o narcisismo é um estado constitutivo do eu, é sua “estrutura fundante” e, como Freud o descreve, está entre a fase das pulsões parciais e a construção do invólucro delas — o eu. E é justamente o caráter estruturante do narcisismo que Freud coloca em evidência nesse texto de 1914. Não há como o processo de constituição do eu não estar ligado ao narcisismo. É neste sentido que entendo a indicação de Lacan de que o estágio do espelho deve ser compreendido como sendo uma identificação, ou seja, uma identificação narcísica, quando identificar não é outra coisa senão uma modalidade de reconhecimento. É quando o “si mesmo” é escolhido como objeto amoroso. O eu amando o próprio corpo. Saliento, novamente, que isto só é possível na medida em que o “corpo próprio” pôde ser alçado à condição de “si mesmo”. Como afirma Assoun, a partir de então,

O corpo não é mais a base dos objetos pulsionais, é o princípio de subjetivação da satisfação. [...] O problema é que o Eu seja ‘encontrado’ pela libido, de sorte que o eu se torne o próprio Objeto, algo como Órgão libidinal. Isso é o que se pode designar como ‘corpo-Narciso’.⁴⁵

A consideração da doença orgânica e da hipocondria pode dar uma idéia de como acontece a transformação do eu em “órgão libidinal”, como postula Assoun. Seguindo Freud, em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, diz-se que uma pessoa atormentada por dor ou mal-estar orgânico perde o interesse pelas coisas do mundo externo e volta seus investimentos pulsionais para seu próprio eu. Aqui, a libido e o

⁴⁴ Cf. neste capítulo, p. 59-60.

⁴⁵ ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 185.

interesse do eu estão do mesmo lado e são indistinguíveis entre si. Na hipocondria, como na doença orgânica, ocorrem as mesmas sensações corpóreas aflitivas e penosas, acontecendo com a libido o mesmo que se deu na doença orgânica. O hipocondríaco, prossegue Freud, retira tanto o interesse como a libido, esta última de forma mais acentuada, dos objetos do mundo externo, concentrando ambos no órgão que lhe prende a atenção. Há, aqui, uma diferença entre a hipocondria e a doença orgânica: na segunda as sensações aflitivas baseiam-se em mudanças orgânicas, o que não ocorre na primeira. Que mudanças ocorrem na hipocondria? — indaga Freud. A experiência psicanalítica mostra que as sensações corporais desagradáveis, comparáveis às da hipocondria, ocorrem também nas outras neuroses. Tem-se o melhor exemplo disto na neurose de angústia com sua superestrutura de histeria. Afinal, o protótipo familiar de um órgão dolorosamente delicado, que é de alguma forma alterado e que, contudo, não está doente no sentido estrito do termo, é o órgão genital excitado. Em tal condição, este órgão é a sede de uma multiplicidade de sensações. Agora, tome-se qualquer parte do corpo e descrevamos sua atividade de enviar estímulos sexuais à mente como sendo sua “erogenicidade”, e lembremos que a teoria da sexualidade há muito já nos habituou a considerar a idéia de que certas partes do corpo — as zonas erógenas — podem atuar como substitutos dos órgãos genitais e podem se comportar de maneira análoga a eles. Pode-se, então, decidir considerar a erogenicidade como sendo uma característica geral de todos os órgãos e é permitido, ainda, falar de um aumento ou diminuição dela em uma parte específica do corpo. Desta forma, para cada uma das modificações na erogenicidade dos órgãos, seria possível verificar uma modificação paralela do investimento libidinal no eu. Estes fatores constituiriam o que se acredita estar

subjacente à hipocondria e aquilo que pode ter o mesmo efeito em relação à distribuição da libido tal como produzida por uma doença material dos órgãos.⁴⁶

A meu ver, estão justificadas, por meio destas considerações freudianas, as idéias de Assoun de se tomar o eu como um órgão libidinal e de se entender o corpo como sendo um corpo-narciso.

Vejamos, agora, em que medida a função do corpo em Freud é afetada pelas inovações introduzidas em *O ego e o id* (1923).

3.5 O eu–corpo

O eu é definido por Freud nesse texto, o último de seus grandes trabalhos metapsicológicos, em relação à percepção, por um lado, e sob o domínio do isso, por outro. Todavia, *eu* é um termo presente informalmente desde os primeiros textos psicanalíticos, como o próprio Freud relembra neste momento: “Formamos a idéia de que em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e chamamos a isso o seu ego”.⁴⁷ Essa definição informal é acompanhada por outras em diferentes contextos das elaborações freudianas, como por exemplo: o eu como responsável pela censura nos sonhos, como o pólo recalcante, ou o pólo de onde se exerce a consciência moral, como o “lugar” das pulsões de autoconservação, dentre outras. Do ponto de vista conceitual, o eu também já havia sido abordado antes, em dois textos que já tratei aqui: o *Projeto* e “Sobre o narcisismo: uma introdução”.

Em *O ego e o id* há duas gêneses do eu: uma, como um órgão de superfície, e outra, identificatória ou narcísica. O eu entendido como sendo um órgão de

⁴⁶ Cf. FREUD. “Sobre o narcisismo: uma introdução”, p. 89-91.

⁴⁷ FREUD. *O ego e o id*, p. 30.

superfície, ou melhor, a extensão ou projeção, de uma superfície, se refere ao contato privilegiado que ele tem com o exterior. Freud afirma que o eu tem início no sistema percepção, que é seu núcleo, abrange o pré-consciente e é, também, inconsciente. E é justamente a presença de algo no eu que se comporta como o conteúdo recalçado que faz com que Freud formule, no âmbito da segunda tópica, quando o aparelho psíquico é pensado a partir das noções de conflito e de instâncias, o isso como sendo uma outra parte da mente pela qual o eu se estende e se comporta como se fosse inconsciente. Freud salienta que o eu não se acha nitidamente separado do isso; sua parte inferior funde-se com ele. Na verdade, o eu é uma parte do isso que foi modificada pela influência direta do mundo externo, e sua importância funcional reside no fato de que compete a ele (eu) o controle sobre as abordagens à motilidade.⁴⁸

Contudo, um outro fator parece relevante, além da influência do sistema percepção, na formação do eu e em sua diferenciação a partir do isso. O próprio corpo de uma pessoa e, acima de tudo, sua superfície, é um lugar de onde podem originar-se sensações externas e internas. Fernandes observa, neste sentido, que se a percepção só tem de início para o eu um papel análogo ao que a pulsão tem para o isso, em seguida será o próprio corpo que se tornará a “fonte” de todas as percepções, sejam elas externas ou internas. Assim, o próprio corpo que se constitui entre o interior e o exterior, permite ainda uma diferenciação entre um e outro, entre dentro e fora.⁴⁹

Freud continua, dizendo que o corpo é visto como qualquer outro objeto, mas, ao tato, produz duas espécies de sensações e uma delas pode ser equivalente a uma percepção interna, pois “o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma

⁴⁸ Cf. FREUD, op. cit. p. 37-39.

⁴⁹ FERNANDES. *Corpo*, p. 82.

superfície”.⁵⁰ Este é, sem dúvida, um dos enunciados mais importantes no tocante ao estatuto do corpo em Freud. E, a este respeito, Assoun comenta que a analogia corporal atua em dois planos que precisam ser elucidados: o corpo intervém na formação do eu, e o eu é estruturado como o corpo, entendendo-se aqui como superfície, ou seja, ao mesmo tempo como um limite e uma extensão.

Desta forma, o Eu-corpo desempenha seu papel relacional, a saber, como uma relação entre o dentro e o fora. Desse modo se opera uma auto-representação que, ao mesmo tempo, supõe a presença do exterior e a separação desse exterior pelo qual o eu se refere a si mesmo. Portanto, o eu se define por um efeito projetivo. E quando Freud afirma que o eu é corporal, deve-se compreender algo como: “o Eu e o Corpo estão estruturados segundo a lógica homóloga das superfícies”.⁵¹ O que equivale a dizer que a emergência da subjetividade se dá de acordo com a lógica corporal da projeção, e não que o Eu é análogo ao Corpo, ressalta Assoun. Lembre-se aqui a função que Lacan atribui ao estádio do espelho na formação do eu, tal como esta foi evocada há pouco.

Cabe enfatizar, ainda, relacionado à gênese determinante que une o destino do eu ao do corpo, uma nota de rodapé que apareceu primeiramente na tradução inglesa de *O ego e o id*, em 1927, e que foi descrita como tendo sido autorizada por Freud, mas que não consta nas edições alemãs, de acordo com James Strachey:

O ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental.⁵²

Referindo-se a essa nota de rodapé, Assoun afirma que ela diz, explicitamente, o que está em causa, isto é, a natureza sutilmente corporal do eu. Um eu

⁵⁰ FREUD. *O ego e o id*, p. 39.

⁵¹ ASSOUN. *O corpo: o Outro metapsicológico*, p. 188.

⁵² FREUD. *O ego e o id*, p. 39.

que é menos a aparelhagem mental do corpo do que a subjetivação da superfície corporal. Um eu que é muito mais o próprio evento da emergência do corpo do que o produto de uma experiência corporal.⁵³

3.6 O corpo e a segunda teoria pulsional

Ao longo deste capítulo, tentei percorrer as principais transformações, ou evoluções, que o tema do corpo sofre durante a teorização freudiana: comecei pelo corpo histérico, passei pelo erógeno, em seguida pelo auto-erótico, pelo narcísico e cheguei à concepção de um eu corporal. Tudo isto mediado pela pulsão, que faz do corpo, acima de tudo, um corpo pulsional.

O corpo em Freud, no âmbito do primeiro dualismo pulsional, como espero ter conseguido ressaltar, é marcado pelo outro e pela própria ação da pulsão. Apresentei, ainda, a hipótese de que o corpo psicanalítico, do modo como Freud o concebe, pode ser pensado a partir de uma dupla lógica: da simbolização, ou representação, e do transbordamento. Quando falei do corpo histérico, espero ter podido justificar que o corpo, tal como é caracterizado por Freud nos tempos dos *Estudos sobre a histeria*, é essencialmente da ordem da representação, o que se encaixa também dentro da perspectiva da primeira teoria pulsional. Contudo, para uma melhor argumentação a favor da idéia de se pensar o corpo a partir de uma lógica do transbordamento, faz-se necessário um percurso um pouco diferente: é preciso ver em que medida o conceito de pulsão de morte e de repetição influem na concepção do corpo a partir da segunda teoria das pulsões.

⁵³ ASSOUN. O corpo: o Outro metapsicológico, p. 189.

Em 1920, Freud anuncia uma outra dualidade pulsional — vida e morte. É o momento em que ele repensa o circuito pulsional, a partir dos fracassos terapêuticos que revelam a pulsão de morte como pulsão sem representação. Pode-se dizer, juntamente com Felícia Knobloch,⁵⁴ que a problemática daquilo que não se inscreve entra em cena na teoria freudiana a partir da segunda teoria do aparelho psíquico, a chamada segunda tópica, com a noção de isso, quando o excesso pulsional será visto como o que resiste à inscrição no registro representacional. O que Freud assinala, de acordo com essa autora, com a segunda teoria do aparelho psíquico, a partir da idéia de um isso não identificado com o inconsciente, é o fato de sua abrangência ressaltar a existência não só do inconsciente, mas também das pulsões sem representação, ou seja, pulsões que não se inscreveram e não se fixaram em representantes-representação. Na segunda tópica, o isso é o lugar, portanto, da pulsão sem representação. Ele substitui o inconsciente da primeira tópica que, por sua vez, era ordenado em representações. Afinal, sabe-se que é somente no nível da representação inconsciente que se pode pensar um aparelho psíquico, continua Knobloch. Assim, ao colocar a pulsão como parte do aparelho psíquico, Freud se vê obrigado a considerar o infigurável, o irrepresentável.⁵⁵

É, portanto, o conceito de pulsão de morte que nos permite pensar a categoria da não representação, uma vez que a pulsão de morte, com seu trabalho silencioso, opõe-se às tentativas de simbolização feitas por Eros. Assim, concomitantemente ao segundo dualismo pulsional, Freud introduz a possibilidade de se pensar o não representável no aparelho psíquico. E é a esse não representável que qualifico como pertencendo à lógica do transbordamento.

⁵⁴ KNOBLOCH. *O tempo do traumático*. São Paulo: Escuta, 1998.

⁵⁵ KNOBLOCH. *O tempo do traumático*, p. 78.

A noção de traumático, justamente por sua impossibilidade de representação, situando-se, portanto, num lugar limítrofe do psíquico, lugar este não elaborado e desorganizado, pode ser encarada como expressão maior de algo que não pode ser representado. E o que ocorre com o que não tem representação psíquica? Como já afirmei, tenta se inscrever, uma vez que não cessa de se repetir, utilizando-se do corpo.

No entanto, para uma aproximação entre as idéias de traumático e de transbordamento, com o objetivo de pensar o corpo na segunda teoria pulsional, é necessário ter em mente a concepção de trauma que Freud fornece em “Moisés e o monoteísmo” (1938). Nesse texto, ele retoma suas reflexões sobre este tema dizendo que “os traumas são ou experiências sobre o próprio corpo do indivíduo ou percepções sensórias, principalmente de algo visto e ouvido, isto é, experiências ou impressões”.⁵⁶ E para ilustrar esta compreensão sobre o trauma, sobre a construção e a participação da fantasia na produção do sintoma e sobre o efeito da cena traumática mediado pelo período de latência Freud relata um exemplo de uma criança pequena — um menino que partilhara do quarto dos pais durante os primeiros anos de sua vida e que tivera repetidas oportunidades de observar atos sexuais entre os mesmos quando ainda mal aprendera a falar. Logo após sua primeira poluição, irrompeu-se uma neurose em que o primeiro e mais perturbador dos sintomas foi o distúrbio do sono. Acordava à noite com qualquer barulho e não conseguia dormir novamente. De acordo com Freud, esse distúrbio do sono representava um sintoma de conciliação que, por um lado, era a expressão de sua defesa contra aquilo que havia experimentado à noite e, por outro, uma tentativa de restabelecer o estágio de vigília que lhe possibilitara escutar aquelas impressões. A criança teve, assim, sua virilidade despertada precocemente, manipulava

⁵⁶ FREUD. “Moisés e o monoteísmo”, p. 89.

seus genitais e investia ataques sexuais à mãe, identificando-se com o pai cujo lugar ocupava nessa situação. Por fim, a mãe proibiu-o de tocar nos genitais e ainda o ameaçou de contar a seu pai, que o puniria cortando-lhe fora o órgão. Essa ameaça de castração teve conseqüências traumáticas para essa criança. Freud conta que em vez de se identificar com pai, o menino ficou com medo dele, abandonou todo o interesse sexual e, colocando-se passivamente em relação a esse pai, passou a provocá-lo para receber castigos corporais que tinham para ele um significado sexual, de tal forma que pudesse identificar-se com sua mãe maltratada. Apegou-se à mãe cada vez mais e transitou pelo período de latência sem maiores problemas. Contudo, no começo da puberdade, instaurou-se a impotência sexual. Perdeu a sensibilidade genital e não se atrevia a tocar seu órgão nem se arriscava a aproximar-se de uma mulher com fins sexuais. Sua atividade sexual se limitou à masturbação psíquica com fantasias sado-masoquistas nas quais se podia identificar ramificações das observações da relação sexual entre os pais. O ódio e a rebeldia contra o pai se manifestavam por meio de uma autodestruição responsável tanto por seu fracasso na vida como por seus conflitos com o mundo externo. Quando da morte do pai, o menino, agora adulto, se tornou egoísta e passou a atuar despoticamente da mesma forma como imaginara ao pai quando era muito pequeno, tornando o contato com os outros muito difícil.⁵⁷

Comentando esta passagem freudiana, Myriam Uchitel⁵⁸ enfatiza dois aspectos relativos ao trauma:

O trauma seria aqui definido pelo efeito de vivências, impressões sem memória, experiências somáticas, percepções sensoriais e visuais ou auditivas, experimentadas [...] pelo sujeito numa idade precoce da sua história, que, pela excessiva excitação que originam e a impossibilidade de

⁵⁷ Cf. FREUD. “Moisés e o monoteísmo”, p. 93-94.

⁵⁸ UCHITEL. *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma*. São Paulo: Livraria e Editora Casa do Psicólogo, 2001. (Coleção Clínica Psicanalítica).

tramitá-los simbolicamente, permanecem indefinidamente como acontecimentos traumáticos.⁵⁹

O trauma pode proceder, também, da verbalização de uma ameaça, no exemplo citado por Freud uma ameaça de castração, que coloca em risco uma parte do corpo. Uchitel acrescenta que, a despeito de o trauma se apresentar de duas maneiras, essas experiências só se processam traumáticamente porque não encontraram a possibilidade de serem representadas.

A meu ver, pensar o corpo a partir da segunda teoria pulsional implica considerar outra lógica que não a da representação e, como tentei mostrar, no final do capítulo anterior e agora, é o conceito de traumático que possibilita entendermos o excesso que a pulsão de morte impõe ao incidir sobre o corpo. Esse excesso, numa eterna insistência em se fazer representar, só consegue se apresentar como trauma, que acaba transbordando no corpo. Daí minha hipótese de se pensar o corpo na segunda teoria das pulsões pela via do transbordamento.

A seguir, farei uso do fenômeno da dor para investigar a possibilidade de articulação da repetição com o corpo, na primeira e na segunda teoria pulsional, seguindo, respectivamente, as lógicas da representação e do transbordamento. Vejamos onde isso leva.

⁵⁹ UCHITEL, op. cit. p. 61.